

Projeto “Praça Onze Maravilha”: reflexões sobre a ressignificação do território do berço do samba da cidade do Rio de Janeiro¹

Alessandra de Figueredo PORTO (UERJ - IBMEC)²

Alessandra de Figueiredo TARCSAY (UNIFESO - FGV)³

Maria Helena Carmo dos SANTOS (UERJ - FACHA)⁴

Resumo

Historicamente marcada por transformações que geraram mudanças drásticas do traçado urbano e, por consequência, mobilidade forçada de grupos sociais e apagamentos da memória local, a região central da cidade do Rio de Janeiro tem a promessa de mais um projeto de “requalificação”: o Praça Onze Maravilha. Assim, interessa-nos entender quais narrativas estão sendo construídas pela gestão pública, levando em conta a perspectiva do direito à cidade segundo Lefebvre (2001), em contraponto ao de cidade-mercadoria (Vainer, 2000). O estudo adota metodologia baseada em análise bibliográfica e possui caráter descritivo e exploratório, buscando compreender como a comunicação dessa proposta articula o resgate do passado desse mesmo território destruído na década de 1940 e a promessa de um porvir ‘maravilhoso’.

Palavras-chave

Comunicação; Cidade; Território; Praça Onze Maravilha; Rio de Janeiro.

Introdução

“Berço do samba. Lugar do povo”.⁵ Essas são apenas algumas das expressões utilizadas para se referir à Praça Onze. Remontar os registros sobre os espaços públicos como uma praça demonstra a complexidade envolvida na construção das cidades (Jesus; Colchete Filho, 2025). Ao abordarmos a Praça Onze, é interessante observar que, no final do século XIX, o território foi ocupado por imigrantes de origem judaica, que “no espaço da Praça

¹ Trabalho apresentado ao grupo nº oito (GP8: “Comunicação Organizacional, Cultura e Cidadania”), atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, 18 a 21 de maio de 2026.

² Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ). Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Professora do curso de Publicidade e Propaganda do IBMEC/RJ. E-mail: alefporto@gmail.com

³ Doutora em Arquitetura e Urbanismo, na área de Produção e Gestão do Ambiente Urbano. Mestra em Engenharia Civil, na área de Sistemas de Gestão, Produção, Qualidade e Desenvolvimento Sustentável. Ambos pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Arquitetura e Urbanismo – UNIPLI. É professora do UNIFESO e FGV-Online. E-mail: atarcsay@gmail.com

⁴ Doutora em Comunicação (PPGCom/Uerj) e Mestre em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Professora das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). E-mail: mhcaro@yahoo.com.br

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/praca-onze-berco-do-samba-lugar-do-povo-13858101>. Acesso em: 5 fev. 2026.

Onze, no centro da cidade do Rio de Janeiro, aos poucos, reuniram-se e formaram uma organização espacial de caráter étnico, que possibilitou a preservação e a manutenção de suas cultura e identidade” (Ribeiro, 2011, p.1). Foi também no final do século XIX que a Praça Onze de Junho (denominada assim em homenagem à batalha do Riachuelo, durante a Guerra do Paraguai, mas popularmente conhecida como Praça Onze) passou a ter destaque pela presença da comunidade negra, e inclusive “era o local da casa da lendária Tia Ciata (1854-1924), Hilária Batista de Almeida; na região da Pequena África do Brasil, expressão baseada numa afirmação do cantor e pintor Heitor dos Prazeres”⁶. Com a sua farta mistura intercultural, “as diferentes memórias dos diferentes grupos que partilharam o espaço da Praça Onze são partes constitutivas da mesma história, sendo esta a dinâmica dos processos culturais” (Ribeiro, 2011, p.2).

No ano de 1942: “Vão acabar com a Praça Onze, berço do samba!”

A região da Praça Onze, no centro do Rio de Janeiro, ocupa posição fulcral na formação urbana e cultural da cidade. Associada à presença negra, às tradições do samba e às reformas do início do século XX, a área foi profundamente impactada pelas intervenções conduzidas na gestão de Pereira Passos (1902-1906). A abertura da Avenida Central (atual Rio Branco) implicou a demolição de extensos trechos do tecido urbano popular, consolidando, como demonstra Abreu (1987), uma modernização marcada pela higienização e pela expulsão das camadas populares do centro, em prol de um espaço organizado conforme uma lógica da pausa das praças e dos largos (Lessa, 2005) e apagamento da velha cidade colonial (idem, p.201).

Com o projeto de abertura de uma larga avenida conectando o Canal do Mangue ao mar e melhorar o fluxo de automóveis e escoamento das águas pluviais, em 1940, tinham início as primeiras demolições no entorno da Praça Onze (Carvalho, 2019, p. 239), onde conviviam judeus, portugueses, espanhóis, ciganos e afro-brasileiros, que se instalaram no local entre os séculos XIX e XX. No entorno da praça, “as tias baianas abriam seus espaços para confraternizações, onde nasceu o samba, a partir da animação dos maxixes, lundus e batucadas” (Gouvêa, 7/4/2025), apesar da perseguição policial. Na década de 1930, os blocos/escolas desfilavam durante o carnaval pelas ruas próximas a suas sedes e na região da Praça Onze. Com a demolição da Praça Onze, os desfiles são transferidos para a Avenida Rio

⁶ Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=praca-onze>. Acesso em: 5 fev. 2026.

Branco, mas somente em 1978, as apresentações foram transferidas para o seu local definitivo, a Avenida Marquês de Sapucaí (Kasahara, 2016). Apesar do apagamento de grande parte da história da região, o monumento a Zumbi dos Palmares, o Sambódromo e a Escola Municipal Tia Ciata são marcos de memória que associam as narrativas afro-brasileiras à Praça.

No século XXI, “a Praça Onze vai renascer” entre narrativas e mobilizações.

É nesse horizonte histórico que se insere a proposta denominada “Praça Onze Maravilha”. Anunciado em 20 de novembro de 2025, Dia da Consciência Negra, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o projeto Praça Onze Maravilha, “reforça a importância da Praça Onze e da Pequena África como territórios de memória, cultura e mobilidade”⁷. Segundo a Prefeitura, o símbolo maior será a Biblioteca dos Saberes, projetada pelo arquiteto Francis Kéré, vencedor do prêmio Pritzker, considerado o prêmio Nobel da Arquitetura.

A escolha da nomenclatura não é neutra: remete a grandes intervenções recentes, e mobiliza o vocabulário contemporâneo da “requalificação urbana”, associando transformação física à revitalização econômica e à melhoria da qualidade urbana. Entretanto, como problematiza Vainer (2000), o planejamento estratégico urbano tende a operar sob a lógica da cidade-mercadoria, orientando intervenções para a competitividade e a atração de investimentos, frequentemente em detrimento das demandas sociais locais. Nesse contexto, o autor ressalta que “a cidade é uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo” (2000, p. 78).

A noção de “requalificação” pressupõe que determinado espaço estaria degradado ou subutilizado, produzindo uma narrativa que legitima sua transformação e a redefinição de seus usos e usuários. Harvey (2014) demonstra que as reestruturações urbanas contemporâneas estão vinculadas à lógica de acumulação do capital, gerando processos de gentrificação e deslocamento que reconfiguram a composição social das áreas centrais.

No caso da Praça Onze, essas dinâmicas incidem sobre um território simultaneamente marcado por estigmas urbanos e por forte densidade simbólica e cultural. A reivindicação do direito à permanência conecta-se diretamente ao conceito de direito à cidade formulado por

⁷ Disponível em: <https://prefeitura.rio/noticias/praca-onze-maravilha-projeto-que-vai-transformar-a-regiao-da-praca-xi-e-do-sambodromo/>. Acesso em: 5 mar. 2026.

Lefebvre (2001), que compreende a cidade como obra coletiva e defende a apropriação social do espaço por seus habitantes.

É nesse ponto que a prática de Kéré (2022) tensiona o debate. Em projetos como a Escola Primária de Gando, em Burkina Faso, e a Biblioteca dos Saberes, a arquitetura é concebida como infraestrutura social construída a partir da comunidade. Em Gando, a escola foi erguida com participação direta dos moradores, que atuaram na produção dos tijolos de terra comprimida e na execução da obra, apropriando-se do conhecimento técnico e fortalecendo vínculos coletivos. Os tijolos de argila têm a vantagem adicional de serem baratos, fáceis de produzir e também fornecem proteção térmica contra o clima quente. A solução estrutural - com cobertura elevada e ventilação cruzada - responde às condições climáticas locais sem depender de tecnologias externas sofisticadas, demonstrando que qualidade espacial pode emergir da adaptação inteligente ao território. Além de equipamento educacional, seus espaços passaram a abrigar encontros, assembleias e atividades coletivas. A Biblioteca dos Saberes apresenta a mesma preocupação estruturante: o edifício é concebido como espaço aberto, flexível e apropriável, destinado não apenas à leitura, mas a oficinas, reuniões e práticas culturais diversas. Assim como em Gando, o projeto valoriza soluções construtivas acessíveis, integração climática e, sobretudo, o uso ampliado pela própria comunidade.

Em ambos os casos, a qualidade do espaço não deriva da valorização imobiliária, mas do fortalecimento das dinâmicas sociais locais. Kéré demonstra que qualificar um território pode significar potencializar estruturas comunitárias existentes, e não substituí-las. Trata-se de uma arquitetura que opera como bem comum, reforçando pertencimento, permanência e a compreensão do real direito coletivo à cidade, que surge da experiência cotidiana.

Considerações Finais

A análise do projeto Praça Onze Maravilha revela, portanto, duas dimensões tensionadas: de um lado, a narrativa institucional da revitalização, ancorada na valorização imobiliária e no ordenamento do espaço público; de outro, as mobilizações que reivindicam memória, identidade e justiça socioespacial - e que encontram em experiências como as de Kéré a demonstração de que outros modos de produzir cidade são possíveis.

Conclui-se que a chamada “requalificação urbana” da Praça Onze exige leitura crítica que articule história, política e produção do espaço. Como sustentam Abreu (1987), Vainer

(2000), Harvey (2014), Lefebvre (2001) e Kéré (2022), os processos urbanos expressam relações de poder. A disputa não se limita à forma construída, mas envolve a definição de quem pode permanecer, quem deve sair e quem participa da construção da cidade.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

CARVALHO, Bruno. Cidade Porosa: dois séculos de história cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

GOUVÊA, Viviane. “Adeus, minha praça Onze”: como se apagou um dos bairros mais boêmios e vivos do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/praca-onze-antigo-bairro-boemio/>. Acesso em: 5 mar. 2026.

JESUS, Karine Dias de; COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira. A influência e a permanência da Praça Onze no Rio de Janeiro: memória inscrita no espaço. Boletim Goiano de Geografia, v. 45, p. 1-21, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/80889/43569>. Acesso em: 5 fev. 2026.

HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KASAHARA, Ivan. A história dos desfiles das escolas de samba. Disponível em: <https://multi.rio/index.php/noticias/8651-a-historia-dos-desfiles-das-escolas-de-samba>. Acesso em: 5 mar. 2026.

KÉRÉ, Diébédo Francis. The 2022 Pritzker Architecture Prize Laureate. Chicago: The Hyatt Foundation, 2022. Disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/diebedo-francis-kere>. Acesso em: 26 fev. 2026.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LESSA, Carlos. O Rio de Janeiro de todos os brasis. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RIBEIRO, Paula. Memórias, culturas e experiências urbanas - judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais [...] São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300911256_ARQUIVO_Memorias,culturaseexperienciasurbanas-judeusnaPracaOnze,noRiodeJaneiro.pdf. Acesso em: 5 fev. 2026.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. A cidade do pensamento único. Petrópolis: Vozes, 2000.